

Marx e a Ideologia Alemã*

Otto Rühle

Como resultado de quase um ano de trabalho (de setembro 1845 até agosto de 1846), Marx e Engels escreveram dois grossos volumes^A a serem publicados sob o título de *Die deutsche Ideologie*¹. Um amigo e admirador de Marx, o tenente Weydemeyer, nessa época trabalhando em Westphalia como geômetra, esperava que seu meio-irmão, o editor do “*Westfaelisches Dampfboot*” em Bielefeld, publicaria o novo livro. O manuscrito foi enviado a ele mas não foi publicado. Os autores entenderam que a razão disso foi que nessa época “a alteração das circunstâncias tornou impossível imprimi-lo”. Tampouco encontrariam outro editor. “Decidimos, por conseguinte, escreveu Marx, em data posterior, deixar o nosso manuscrito à crítica roedora dos ratos e isso com o maior bom grado, já que havíamos alcançado nosso objetivo principal: a autocompreensão”.

A busca de autocompreensão em geral foi a característica essencial do livro. O objetivo era “expor as ovelhas que se consideravam e eram consideradas como lobos”; para mostrar “como o delírio dos representantes da filosofia serviu apenas para refletir o caráter patético das necessidades reais na Alemanha” e para dar a conhecer a todo o mundo “o processo de putrefação que tinha se fixado no espírito absoluto alemão”.

Tais eram os objetivos dos autores. A propósito, fizeram mais que isso. Marx e Engels, livres dos últimos vestígios da filosofia que, inconscientemente, ainda sobrecarregava o pensamento de ambos, puderam ir além da crítica da filosofia, chegando à crítica da política e da economia, a crítica da interpretação da história. Desta forma, revelaram um fato de importância avassaladora: a força motriz da história não é a ideia, não é a crítica e sim a revolução, o homem se transformando pela revolução.

* Tradução de Nildo Viana. Esse texto é um capítulo da obra “*Karl Marx: His Life and Works*”, publicado em 1928.

^A Na verdade o texto foi escrito quase que exclusivamente por Marx. Segundo correspondência entre os dois autores, Engels escreveu apenas seis páginas dessa obra (RMA).

¹ Escrito em alemão por Rühle. Em português, *A Ideologia Alemã* (nota do Tradutor).

A descoberta do ser humano real e ativo, do homem engajado no processo de fazer história, como anunciado nas *Teses sobre Feuerbach*, é seguida aqui por outra descoberta: a da *práxis revolucionária*. Marx investiga e delinea esse caminho passo a passo, chegando a este resultado.

“O primeiro pressuposto de toda a história humana é, obviamente, a existência de seres humanos vivos. O primeiro elemento real com o qual nos defrontamos é, portanto, a complexidade corporal desses indivíduos e as relações que ela os constringe a ter com o resto da natureza”.

“Toda análise histórica deve, necessariamente, partir dessas bases naturais e da sua modificação gerada pela ação humana no desenvolvimento histórico”.

“Podemos distinguir os seres humanos dos animais pela consciência, pela religião, por qualquer coisa que se queira. Porém, os seres humanos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir os seus meios de subsistência, o que é um passo adiante gerado por sua corporeidade. Na medida em que os seres humanos produzem os seus próprios meios de subsistência, eles produzem indiretamente a sua própria vida material”.

“Para viver, os seres humanos necessitam comer, beber, habitar, vestir-se, etc. O primeiro acontecimento histórico^B é, portanto, a produção dos meios que permitem satisfazer as necessidades, a produção da própria vida material. As necessidades da vida são, acima de tudo, comida, bebida, abrigo, roupas, etc.. Por isso, trata-se de um ato histórico que é uma condição fundamental de toda a história^C e continua sendo necessário, desde os tempos remotos até hoje, e executado diariamente, para manter os seres humanos vivos”.

“A forma como os indivíduos manifestam sua vida expressa aquilo que eles são. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com aquilo que produzem como a forma como produzem. Consequentemente, o que os indivíduos são depende das suas condições materiais de produção”.

^B Aqui Marx se refere ao primeiro acontecimento histórico humano, ou seja, no interior de um processo de humanização e da história em sentido geral (RMA).

^C Humana (RMA).

“Assim, indivíduos determinados, envolvidos em uma atividade produtiva que se desenrola de modo determinado, entram em relações sociais e políticas determinadas”.

“A relação existente entre a estrutura social e a política e a produção e o Estado resulta continuamente do processo de vida de indivíduos determinados; mas não resultam daquilo que estes indivíduos pensam que são, para si ou para os outros, e sim daquilo que são na realidade, isto é, tal como trabalham e produzem materialmente. Resulta, portanto, da forma como agem partindo de bases, condições e limites materiais determinados e que são independentes de sua vontade”.

“A constituição das ideias, representações e da consciência está diretamente entrelaçada com a atividade material e com as relações materiais dos seres humanos; é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o intercâmbio intelectual dos seres humanos surgem como o resultado direto de seu comportamento material^D. O mesmo ocorre com a produção intelectual quando esta se manifesta na linguagem das leis, da política, da moral, da religião, da metafísica, etc. de um povo. Os seres humanos são os produtores de suas representações, ideias, etc.; mas os seres humanos reais, ativos, tal como foram determinados por um certo desenvolvimento das suas forças produtivas e das relações que lhes são correspondentes, incluindo as formas mais complexas que essas assumem”.

“A consciência não pode ser outra coisa senão o ser consciente e o ser dos seres humanos é o seu processo de vida real”.

“Em contraste com a filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui se parte da terra para atingir o céu. Isso significa que não partimos do que os homens dizem, imaginam e pensam e nem do que outros dizem que eles são com suas palavras, pensamento, imaginação e representação, para chegar aos seres humanos em carne e osso. Partimos dos seres humanos reais e ativos, do seu processo de vida real, e demonstramos o desenvolvimento real dos reflexos ideológicos e as repercussões deste processo de vida. Mesmo as fantasmagorias no cérebro humano são sublimações necessárias do processo de vida real do

^D “Material”, aqui, quer dizer “real”, em contraposição ao “ideal”.

homem, um processo que pode ser percebido praticamente e que repousa em bases materiais. A moral, a religião, a metafísica e a ideologia em geral, igualmente às formas de consciência que lhes correspondem, perdem, imediatamente, toda a aparência de autonomia. Elas não têm história^E, não possuem desenvolvimento próprio. São os seres humanos que ao desenvolver sua produção material e suas relações materiais que transformam a realidade e o seu pensamento e os produtos do mesmo. Não é a consciência que determina a vida, mas, ao contrário, a vida que determina a consciência”.

“Esta concepção não é desprovida de pressupostos. Ela parte de pressupostos reais e não os abandona em nenhum momento. Esses pressupostos são os seres humanos, não isolados e fixados sob forma imaginária, mas percebidos no seu processo de desenvolvimento real em determinadas condições, desenvolvimento que é perceptível experencialmente. Assim que este processo ativo de vida é demonstrado, a história deixa de ser uma coleção de fatos mortos, tal como é apresentada pelos empiristas, ainda demasiadamente abstratos, ou uma ação imaginária de seres imaginários, como é apresentada pelos idealistas”.

“Não é a crítica e sim a revolução que é a força motriz da história”.

“Essa concepção mostra que o sentido da história não é a realização de uma “consciência de si” como “espírito do espírito” e sim que em cada estágio de seu desenvolvimento existe um resultado material: a soma de forças produtivas, uma relação com a natureza e entre os indivíduos, criados historicamente e transmitidos a cada geração por aquela que a precede, ou seja, uma massa de forças produtivas, de capitais e de circunstâncias, que são modificados pela nova geração, mas, ao mesmo tempo, ditam a ela suas próprias condições de existência e lhes imprimem um determinado desenvolvimento, de forma específica. Portanto, as circunstâncias fazem os seres

^E Marx quer dizer aqui que não possui história própria e autônoma, pois sua historicidade é dependente da historicidade da sociedade. Isso é o contrário do que a interpretação deformante e ideológica de Althusser, que dessa passagem concluiu que a “ideologia não tem história”, entendendo que ela seria transhistórica (RMA).

humanos tanto quanto os seres humanos fazem as circunstâncias”.

“Finalmente, a partir desta concepção plenamente desenvolvida da história, chegamos aos seguintes resultados: 1) no desenvolvimento das forças produtivas chega-se a um estágio no qual surgem forças produtivas e meios de circulação que, no âmbito das relações sociais existentes, só podem ser prejudiciais e já não são mais forças produtivas e sim forças destrutivas (o maquinismo e o dinheiro), assim como, conseqüentemente, surge nesse processo uma classe social que suporta todo o fardo da sociedade sem desfrutar dos seus benefícios, que é excluída do seu interior se encontra num antagonismo a ela do que todas as demais classes. é uma classe que possui a maioria dos membros da sociedade e da qual surge a consciência da necessidade de uma revolução radical, a consciência comunista, e que pode se formar em outras classes quando há a compreensão da situação dessa classe particular; 2) as condições em que se podem utilizar forças produtivas determinadas são as condições de dominação de uma determinada classe da sociedade, o poder social dessa classe, decorrente de suas propriedades, encontra regularmente a sua expressão prática sob a forma idealista no tipo de estado próprio de cada época; é por isso que toda a luta revolucionária é dirigida contra a classe que dominou até então; 3) em todas as revoluções anteriores o modo de atividade permaneceu intocado e apenas a forma de distribuição dessa atividade que foi questionada e uma nova forma de repartição do trabalho foi realizada, enquanto que a revolução comunista se dirige contra o *modo da atividade* existente até nossos dias^F e suprime a dominação de classes suprimindo as próprias classes, pois ela é realizada por uma classe que na sociedade não tem o significado de uma classe, não é reconhecida como uma classe, é já a expressão da dissolução de todas as classes, nacionalidades, etc., no interior da sociedade atual e; 4) que, tanto para a produção generalizada

^F Aqui Marx se refere ao modo de produção, conceito que será desenvolvido posteriormente, mas enfatizando a atividade, pois, tal como explicitou nos *Manuscritos de Paris*, é a atividade (o trabalho) que gera a propriedade e que por isso o que deve ser focalizado não é a distribuição das riquezas e sim sua produção. O controle da produção gera o controle do resultado da produção (propriedade, mercadoria, capital, etc.) e por isso o comunismo visa o autocontrole da atividade pelos produtores livremente e conscientemente associados.

dessa consciência comunista como para a realização da própria causa, é necessária uma transformação generalizada dos seres humanos que só pode processar-se num movimento real, numa *revolução*, e esta revolução é necessária não só porque a classe dominante de nenhum outro modo pode ser derrubada, mas também porque a classe que a derruba só pode abolir toda a velha porcaria e gerar uma nova sociedade através da revolução”.

“Para nós, o comunismo não é um Estado, que deve ser criado, nem um Ideal ao qual a realidade deveria se conformar. Denominamos comunismo ao movimento real que abole o Estado atual”.

Essas passagens notáveis do fragmento do trabalho estão sendo resgatadas e foram recentemente publicadas, pela primeira vez, em Frankfurt, no volume de abertura dos Arquivos Marx-Engels, apenas apresentam uma imagem imperfeita da energia mental com o qual o processo de autoesclarecimento, mencionado anteriormente, foi realizado.

Elas contêm uma formulação elementar da concepção materialista da história que, posteriormente, foi trabalhado no sentido de um método completo. Aqui e ali, a própria redação dos extratos é idêntica à formulação elaborada mais tarde.